

A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NA PROSA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: AS LOUCAS EM (SORÔCO, SUA MÃE, SUA FILHA) DE GUIMARÃES ROSA

Cleydilene da Silva Costa¹
Margarida Conceição Cunha Santana²

O intelectual [...] “depois de saber o que sabe, deve saber o que o seu saber recalca. A escrita é muitas vezes a ocasião para se articular uma lacuna no saber com o próprio saber, é a atenção dada à palavra do outro” (SANTIAGO, 1984, p. 53)

Silviano Santiago

Resumo: O presente artigo consiste em evidenciar a representação de grupos marginalizados na prosa brasileira contemporânea fazendo referência aos estereótipos e os preconceitos que permeiam o espaço social. Contempla-se por meio da análise do conto de Guimarães Rosa (Sorôco, sua mãe, sua filha) a forma de representação que instiga e chama a atenção do leitor no decorrer dos fatos. Bem como, os discursos que vão circulando socialmente em diferentes perspectivas, o discurso literário como fonte e espaço de representações, contradições e tensões, nesses aspectos o “louco” passa a ser considerado sujeito da diferença, sem voz.

Palavras Chave: Outro. Louco. Voz. Representação. Marginalização.

A representação literária contemporânea apresenta características complexas, tema que tem sido discutido nas várias perspectivas da crítica literária brasileira, a ênfase no estudo está vinculada as dinâmicas sociais na forma literária.

Os autores dessa época tendem descrever o seu próprio universo em suas obras, o que muitas vezes correspondem também com a realidade de seu leitor.

¹ Possui graduação em Letras pela UEG (Unidade Universitária de São Luis de Montes Belos) e Pós-graduação em Língua Portuguesa, Literatura e Ensino também pela UEG. E-mail: Cleydilene@hotmail.com

² Possui mestrado em educação pela PUC Goiás, professora aposentada pelo estado, atuante na Universidade Federal de Goiás. E-mail: margaridacsantana@uol.com.br

O espaço da narrativa em sua maioria é das grandes cidades, por sua vez representados por personagens de classe média, intelectuais e brancos que representam a voz da minoria. Referente a essa concepção Dalcatagné (2002) afirma que:

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar *em nome* deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a “autenticidade” do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística [...] (DALCASTAGNÈ, 2002, p. 34).

A Representação é sobrecarregada de conceitos errôneos, pois quem tem acesso à fala muitas vezes não representam com exatidão as coisas como elas realmente são. Os diversos olhares apresentam várias concepções e percepções e a realidade acaba sendo mascarada pelos agentes das vozes que assumem todo o contexto.

Nota-se que na literatura contemporânea os representantes populares quase não são caracterizados como o autor de sua identidade. O *outro* acaba tomando posse, o que era e é ainda comum na sociedade, uma vez que a classe baixa, os negros e mulheres, por exemplo, não tinham direito de fala, tampouco eram considerados como seres capazes de produzir algo e suas opiniões não eram levados em conta.

De acordo com Bourdieu (1996):

[...] a censura alcança seu mais alto grau de perfeição e invisibilidade quando cada agente não tem mais nada a dizer além daquilo que está objetivamente autorizado a dizer: sequer precisa ser, neste caso, seu próprio censor, pois já se encontra de uma vez por todas censurado, através das formas de percepção e de expressão por ele interiorizadas, e que impõem sua forma a todas as suas expressões. (BOURDIEU, 1996, p.24).

Nesse aspecto, a fala acaba sendo mensurada e internalizada, não há aqui destaque de característica e exposições, esse papel faz parte do escopo daqueles que falam pelo outro.

O poder falar seria uma conquista da autoridade, a aquisição da liberdade de expressão e por fim a representação do seu próprio discurso.

Muitos não aderem ao censo da crítica por não se sentirem capazes de tal interferência em assuntos agregados aos meios políticos. Verificamos que isso também acontece com os personagens da literatura contemporânea, o autor os rotulam como sujeitos que estão à margem dos problemas

sociais, como se fossem “estrangeiros” do seu próprio espaço, sem autoridade se quer de argumentar ou expor suas ideias. Alguns nem nomes recebem, quase nem são mencionados, não possuem participações ativas e são os porta-vozes que falam por eles.

A representatividade na obra literária conduz o leitor a ter várias percepções da história, instiga-os a se posicionar e assumir a realidade tal como ela é.

Sobre essa perspectiva, Dalcatagné (2008) fala sobre as representações e a forma como ela é caracterizada:

Ao manusear as representações sociais, o autor pode, de forma esquemática: (a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; (b) descrever essas representações, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento – mostrando que nossa adesão, ou nossa recusa, que nossa reação diante dessas representações nos *implica*, uma vez que fala sobre o modo como vemos o mundo, e nos vemos nele, sobre como se dá nossa intervenção na realidade, e as consequências de nossos atos. (DALCASTAGNÊ, 2008, p. 19).

Partindo desses pressupostos, iniciaremos aqui a discussão e análise do conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, onde abordaremos a representatividade do *outro* na prosa brasileira contemporânea.

O conto de Guimarães Rosa está inserido em *Primeiras estórias*, publicado em 1962, a obra faz parte do terceiro tempo do modernismo brasileiro, composto por 21 estórias, suas narrativas simbolizam as esferas mais íntimas da existência humana, desvendando os mistérios que envolvem cada personagem. A maioria das estórias contadas pelo autor representa a loucura, são sete contos que possuem personagens com essa tipicidade, entre eles o conto de destaque da nossa análise, “Sorôco, sua mãe, sua filha”, estória de grande relevância que leva o leitor a se condover com os fatos no decorrer da leitura.

A família é composta por um homem viúvo, mãe e filha. O protagonista identificado como Sorôco, cuidava dedicadamente de sua mãe e sua filha, conseqüentemente a filha havia herdado a loucura da avó. O pobre homem com o tempo já não se sentia mais capaz de tal responsabilidade e acabara tomando a decisão de mandá-las para bem longe, para um manicômio em Barbacena.

Sorôco é o personagem que apresenta mais características no conto, ele é mencionado como o homenzarrão de voz grossa, quase nunca ouvida, é visto como impotente diante da loucura da mãe e filha, aparentemente um homem bom que talvez estivesse triste com a partida da única família que tinha. Já mãe e filha são pouco representadas, a informação dada é que elas são loucas e que com o tempo adoeceram e precisariam ser internadas, elas são descritas por meio das

vestimentas como, por exemplo, os enfeites de disparates, panos e papéis coloridos da moça, ela era a única filha de Sorôco, já a mãe com mais de 70 anos é caracterizada apenas com vestes preta.

As personagens dos contos de Guimarães Rosa são diversificadas, mas todas são constituídas de atitudes psicossociais que ultrapassam a normalidade, apresentando atitudes interrogativas, que instiga o leitor a fazer várias leituras, pois nelas são incorporadas as diversas facetas.

O *outro* é representado nesse contexto como grupos marginalizados que não possuem vozes. Neste conto de Guimarães Rosa temos as loucas, mãe e a filha de Sorôco, estas fazem parte da narrativa e ao mesmo tempo estão ausentes, são representadas secundariamente.

Nesse sentido, a construção literária contemporânea é marcada pela crise da representação, uma vez que certos grupos sociais são marginalizados e não são sujeitos do seu próprio discurso. A prosa sempre vem representada por personagens camuflados que falam no lugar do outro e esse outro é o sujeito do silêncio. Sobre a questão do silenciamento da personagem a teoria de Delcastagne (2005) diz:

O silêncio dos grupos marginalizados- entendido em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valorização negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério – é coberto por vozes se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em *nome* desses grupos, mas também, embora raramente, pode ser quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes (DALCASTAGNE, 2005, p. 15).

A representatividade abrange as diversas percepções da sociedade sobre o outro que está além do olhar e das peculiaridades, pois o dono do discurso não possui autoridade, quem fala, fala em nome de alguém, o que não é legítimo na representação literária.

Assim afirma Bourdieu (1996, p.24) “[...] Falar é apropriar-se de um ou outro dentre os estilos expressivos já constituídos no e pelo uso, objetivamente marcados por sua posição numa hierarquia de estilos que exprime através de sua ordem a hierarquia dos grupos correspondentes”.

Várias pesquisas realizadas sobre o panorama da Literatura brasileira mostram esse silenciamento de vozes e acentua a ausência de representatividade de indivíduos de diferentes grupos, dificuldade em representar o *outro* e a perpetuação de modelos estereotipados e o mesmo padrão cultural estabelecido.

Outro autor que fala dessa mesma questão é Derrida que anuncia ainda o distanciamento, a desterritorialização identitária do outro.

O encontro com o "Outro" já não se realiza mediante o conhecimento e reconhecimento da diversidade, mas, antes, por uma interpelação temporária e distanciada do "Outro", silenciado e integrado num projeto comum avaliador e neutralizados dos contrapontos diferenciadores que caracterizam a comunidade que o representa. A experiência da alteridade salvaguarda a ilusão de uma identidade forte e situa-se, nesse sentido, na contramão de sua verdadeira vocação: acolher o absolutamente outro (DERRIDA, 1987, p. 26-27).

O conto “Sorôco, sua mãe, sua filha” é narrado em terceira pessoa, narrador onisciente e que se torna personagem quando se coloca no meio da população “a gente se esfriou se afundou – um instantâneo”(ROSA, 1976, p.18).

Pelas características apontadas no conto, podemos perceber que se trata de uma família simples e comum como à maioria das famílias que também possuem alguma situação problemática, no caso de Sorôco é vivenciar o dilema da separação dele com sua mãe e sua única filha, elas estavam indo para um lugar distante, sem passagem de volta. A história circunda na partida dessas duas mulheres, e vai disseminando através do comportamento das pessoas que acompanham toda a trama, desde a chegada dos três na estação até o retorno de Sorôco em sua casa.

Nota-se que as mulheres loucas do conto, bem como de outras representações na literatura vivem às margens, uma vez que se tratando da loucura, mãe e filha de Sorôco não fazem mais parte do espaço do protagonista, as duas são duplamente representadas como oprimidas sem vozes, ocupando de forma plena o lugar do *outro* que prefiguram o incômodo das estruturas sociais vigentes.

O fato das duas serem mulheres e estarem inseridas em um conto da literatura contemporânea eventualmente já se tornam personagens incapazes de responderem por si, tomarem suas próprias decisões, contudo a loucura das duas já é suficiente e justificável para ficarem de fora das convenções, como bem nos demonstram Guimarães Rosa neste conto.

O espaço na narrativa se restringe em uma estação e uma rua de baixo, trata de uma cidade pequena, logo o narrador menciona a cidade de Barbacena, que estava distante dali e que seria o destino das “loucas” ao hospício.

O hospício pode ser representado como o refúgio das loucas, um lugar em que as mesmas seriam aceitas, é a representação de um espaço próprio para aqueles que apresentam insanidade mental, seja rico, pobre, negro, branco, todos obtêm um mesmo lugar perante a sociedade quando engendrada a esse espaço físico, todos são aceitos, pois se igualam pelos transtornos psíquicos que eventualmente possuem.

Na estação a filha de Sorôco repentinamente inicia uma canção desentoadada e sem sentido, talvez com intenção desenfreada de despedida ou até mesmo de desabafo, em seguida a velha com o olhar em direção à sua neta, também começa a cantar.

Silva (2008) interpreta a canção da filha de Sorôco como uma “cantiga uníssona”.

A loucura engendra uma forma de conhecimento, uma ascese materializada na cantiga uníssona, que trata de estabelecer uma ligação suprarracional, entre as mulheres, Sorôco e a comunidade a que pertencem, diluindo fronteiras entre a loucura denunciada e a razão enlouquecida. Se até então a comunidade não vê sentido naquele canto, não importa o que ele queira transmitir, quando assume a linguagem da loucura, ela rompe com a lógica racional, transcendendo os esquemas pré – estabelecidos de comportamento. Daí a comunidade transformar a desrazão em razão de encontro em comunhão, e nesse canto sem razão [...]. (SILVA, 2008, p.51)

Podemos entender que a tal canção remete a despedida das duas, ela marca toda a trajetória da separação dos três personagens e não deixa de sensibilizar o leitor, uma vez que a canção, mesmo não tendo significados aparente, torna-se envolvente, pois é uma lição deixada pelo que parte para quem fica, proporcionando sentido, despertando um sentimento de compaixão com o *outro*. “A gente estava levando agora Sorôco para a casa dele de verdade. A gente, com ele, ia até onde que ia aquela cantiga”(ROSA, 1976, p.18). Sorôco dava continuidade a tal canção inquietante.

Nesse sentido, o canto interpretado pela moça torna-se a esperança de um recomeço, dizendo “sim” a vida por mais que ela seja dolorosa. A população torna-se narrador-coro, transforma-se no *outro*, tomados pela dor do viúvo a multidão se comunicava através desse coro trágico. Nietzsche menciona que a população estava preparada artisticamente, dessa maneira

é capaz de comunicar a toda uma multidão essa aptidão artística de ver-se cercado por uma tal hoste de espíritos com a qual ela, a multidão, sabe interiormente que é uma só coisa. Esse processo do coro trágico é o protofenômeno dramático: ver-se a si próprio transformado diante de si mesmo e então atuar como se na realidade a pessoa tivesse entrado em outro corpo, em outra personagem. (NIETZSCHE, 1992, p.60).

Assim, a canção que aparentemente apresentava um conflito psíquico é simultaneamente uma forma de encarar a angústia e a forma trágica de um acontecimento, fomentando a travessia na trama, a ida de mãe e filha e o retorno de Sorôco em sua casa.

Segundo Foucault (1976) a loucura traz a tona a simplicidade, desvendando os anseios da humanidade, as atitudes acabam sendo naturais e o cantar das duas demonstram essa liberdade, não se importando com as opiniões alheias, é como se fosse uma retomada da infância.

O louco desvenda a verdade elementar do homem: esta o reduz a seus desejos primitivos, a seus mecanismos simples, às determinações mais prementes de seu corpo. A loucura é uma espécie de infância cronológica e social, psicológica e orgânica, do homem. (FOUCAULT, 1976, p.564)

A população assistira de perto todo transtorno da separação e assim compadecidos com a dor de Sorôco o acompanha cantando juntamente com ele a tal canção, ninguém se importou com o que mãe e filha estariam sentindo, deixando-as a margem de tudo, elas são a representação do *outro*, seus anseios ficaram ocultos em meio ao olhar que a moça e a velha trocavam e lançavam sobre a população, a canção talvez fosse à única voz das loucas no conto, o irem embora para sempre revela a desvalorização do *outro*, que não obteve escolha de ir e vir, de falar e questionar, a música ecoava em forma de desabafo, uma verdadeira demonstração de que os oprimidos estão à margem da sociedade.

Conforme já mencionado, observa-se de início que mãe e filha não possuem identidade, ou seja, não nos é apresentado o nome próprio delas, são identificadas apenas como loucas, assim já são excluídas do meio e deixam de ser sujeito que possui voz e respeito. Toda a atenção é para Sorôco que recebe a solidariedade do povo diante de tal circunstância “o que os outros dizem: que Sorôco tinha tido muita paciência, sendo que não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio” (ROSA, 1976, p.14).

A sociedade via o louco com desprezo e sem razão, logo perde sua identificação, os loucos não se conhecem, assim como os *outros* não o reconhecem.

Guimarães Rosa, nesse conto apresenta a marginalização da loucura, que é concebida também por meio da forma representada do vagão do trem, com grades, elas ficariam trancafiadas, até momento do desembarque, tal como uma prisão, o lugar de destino que seguiam seria o novo lar e que viveriam pelo resto de suas vidas, esse seria o destino que o filho traçou para sua mãe e sua filha.

Sendo assim, o *outro* representado no conto de Guimarães Rosa está forçado a viver as margens, visto que na cultura brasileira sabemos que esses indivíduos por algum motivo não estão inseridos no convívio social, são esses rotulados como os delinquentes, os assaltantes, os mendigos

e pessoas que tem grande pobreza e escassez de recursos, no caso de mãe e filha de Sorôco a insanidade mental fez com que essa decisão de Sorôco fosse tomada e aceita pela sociedade com tanta naturalidade e que seria o mais certo e provável de ser feito.

Vale ressaltar que no conto há dois polos de representações que influenciam em contrapartida nas opiniões e olhares da multidão que conferem de perto todos os anseios dos personagens, temos de um lado a loucura e do outro lado à maneira como essa loucura é encarada pela sociedade, o que torna mais evidente o distanciamento social das loucas com o todo. A loucura é enfrentada como anormalidade do indivíduo que não pode ser levado em conta seus sentimentos e muito menos suas opiniões e desejos, o louco está representado como ser incapaz de pensar e agir.

A população assume em primeiro plano o discurso dos olhares, aquelas pessoas estão ali para assistir de perto a partida das loucas e se compadecem não pelas mulheres, mas sim por Sorôco que leva as duas para a estação, cada uma agarrada nos seus braços, como se estivesse levando dois pesos, o peso de toda a sua vida e que logo, logo se livraria e poderia até então colocar para fora a sua própria loucura. As loucas por sua vez são representadas pela maneira alienada de ser, são nos pequenos gestos da moça, no olhar da avó em direção a neta e a tal cantoria desentoada que formam toda caracterização do conto e é nessa trajetória transcorrida que conseguimos observar o quanto a sociedade é mascarada e cheia de preconceitos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. Trad. de Sergio Miceli et al. São Paulo: Edusp, 1996.

DALCASTAGNÉ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. In: _____. (Org.). **Letras de hoje**. Porto Alegre: v.42, n 4, p 18-31, dezembro 2007.

_____. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.º26. Brasília, julho-dezembro.

_____. **Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil; incertezas e ambiguidades do discurso**, n.º 003. Universidade de Aarhus, 2001, PP 114-130.

_____. **Renovação e permanência o conto brasileiro da última década**. **Estudos de Literatura Brasileira contemporânea**, n.º11. Brasília, janeiro/fevereiro de 2001, PP.3-17.

_____. **Revista estudo de narrativas brasileira contemporânea.** n.26 – Brasília: DF, jan-jul de 2003, p.13-71

_____. **Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea.** Estudos de Literatura Brasileira contemporânea, n°20. Brasília, julho/agosto de 2002, PP.33-87.

DERRIDA, Jacques (1987). *Psyché. Invention de l'autre.* Paris: Galilée.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROSA, Guimarães. Sorôco, sua mãe, sua filha. In:_____. **Primeiras estórias.** 8.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1976.

SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe da. **Olhando sobre o muro:** representações de loucos na literatura brasileira contemporânea. Tese (doutorado em literatura e práticas sociais). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, DF, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica.** São Paulo: Ed.Perspectiva, 1978.